

MEMÓRIA CAMPINEIRA (11)

CAMPINAS NAS MEMÓRIAS DE ERNESTO LEME

Nascido na vizinha cidade de Bragança (atualmente Bragança Paulista, assim rebatizada para diferenciar de sua homônima paraense), Ernesto de Moraes Leme, uma das mais altas expressões da vida cultural brasileira, jurista, historiador e diplomata com bela folha de serviços ao País, vem de publicar **Casa de Bragança**, livro de memórias em que recorda sua vida até o momento em que ingressou como professor catedrático da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, na capital paulista, em 1934. Quando estudante, viveu em Campinas, diplomando-se professor pela nossa tradicional Escola Normal. Sua família e ele próprio sempre foram muito vinculados a Campinas, pois dois de seus irmãos aqui exerceram o magistério por longo tempo. Ernesto Leme é sócio honorário de nossa Academia Campinense de Letras. O capítulo relativo a Campinas, de suas memórias, oferece-nos uma terna e fiel evocação da época em que viveu em nossa cidade, eis por que julgamos oportuno transcrevê-lo nesta seção em que procuramos preservar e evocar a “memória campineira”:

“O José Benedito, familiarmente chamado Zico, havia concluído o curso primário. Era hora de prosseguir seus estudos para matricular-se, como desejava, na Faculdade de Medicina. Mãe não concordava em separar-se dele: era o seu caçula, o que levou meu pai a transferir, em 1913, sua residência para Campinas. Lá montou uma papelaria, a Casa Ideal, instalada na Rua da Conceição. E em virtude da mudança da família, também fui cursar em Campinas o 4º ano da Escola Normal, pela qual me diplomei a 15 de dezembro de 1914. A mudança também favoreceu minha irmã Maria Cândida, que pôde matricular-se na Escola Normal, pela qual se formou em 1916.

Para o Zico, foi ótima a mudança para Campinas, onde se matriculou no Ginásio do Estado, tendo assim um curso de humanidades mais completo que nós outros. Tendo estudado alemão, serviu-me de intérprete em Colônia, em estabelecimentos comerciais.

Campinas é um meio cultural mais adiantado que Pirassungua e eu logo recolhi os seus benefícios. Frequentava com assiduidade o Centro de Ciências, Letras e Artes, onde pude conhecer alguns homens eminentes, como José de Campos Novais, Ponciano Cabral, Rafael Duarte. Lá ouvi pela primeira vez Rui Barbosa, no célebre discurso em que fala das andorinhas de Campinas. Escutei conferências, como de João Ribeiro,

Júlia Lopes de Almeida, Amadeu Amaral. Apreciei versos recitados por Alberto de Oliveira, Margarida Lopes de Almeida, Roberto Moreira. Lá conheci Alberto Faria, sem imaginar que quarenta anos mais tarde iria ocupar a sua cadeira na Academia Paulista de Letras.

Guiomar Novais foi a Campinas no mês de maio, para realizar um concerto no Clube Campineiro. Os alunos da Escola Normal resolveram prestar-lhe uma homenagem em casa de A. B. de Castro Mendes, onde estava hospedada. Fui eu o orador. Após meu discurso, a colega Brasília Valente ofertou-lhe um ramo de flores, recitando uns versos que eu havia composto para a cerimônia. Comovida, Guiomar disse não saber como agradecer... Ao que tornou Pelágio Lobo, que estava presente: "Agradeça com Beethoven ou Chopin"... Imediatamente Guiomar Novais dirigiu-se ao piano, executando uma "polonaise", Cinquenta anos mais tarde falei a Guiomar em homenagem que lhe foi prestada no Rotary Clube, daquela reunião em casa de Castro Mendes e da qual ela se recordava perfeitamente.

Ainda no mês de maio, chegou a Campinas, acompanhado de sua esposa, o Conselheiro Rui Barbosa, para uma breve temporada na Fazenda Rio das Pedras. Por sugestão do diretor da Escola e com o aplauso unânime dos professorandos, quer da classe masculina, quer da feminina, resolvemos convidar Rui Barbosa para nosso paraninfo. Fui ainda ao orador nessa oportunidade, havendo Brasília Valente dito alguns versos, oferecendo um ramo de flores a D. Maria Augusta.

Eu havia escrito n' **O Eclético**, jornal dos estudantes, um artigo de saudação a Rui. Assinei-o, como sempre: E. Leme. Isso levou o mestre a agradecer o artigo ao Lino, que o saudou no Centro de Ciências, tendo o Lino declarado que o trabalho não era dele e sim do irmão que estudava na Escola Normal. Assim, quando encontrei Rui disse-lhe ser eu o autor desse artigo, ao qual ele fez generosos elogios.

Eram nossos professores do 4º ano: Português, Osmar Simões Magro; Francês, Lino de Moraes Leme; Pedagogia, Jorge Leme; História do Brasil, Paulo Afonso de Andrade; História Natural, Enéias César Ferreira. Todos excelentes professores. Paulo Afonso, pouco assíduo às aulas, ótimo expositor, quando comparecia dava-nos lições admiráveis. Ainda não havia dado aula alguma. Um dia já me preparava para ir para casa, certo de que ele não compareceria, quando o bedel me falou: o professor Paulo Afonso pedia-me para não faltar à aula, pois ia chamar-me à lição... Estranhei, mas compareci. Assim que fez a chamada, mandou que eu falasse sobre o Descobrimento do Brasil. Falei a hora toda e o professor retirou-se,

só comparecendo para dar aula uma semana depois. Nas aulas do Segundo Grupo era professor de Música Elias Lobo Neto que sempre levava em classe um harmônio portátil e de Ginástica o professor Thiele, que fazia prodígios nos exercícios de paralela e conseguia que alguns alunos fizessem coisa parecida, menos eu, que fui sempre um fracasso nas matérias do Segundo Grupo.

A minha turma era pequena. Éramos apenas onze: Adolfo Packer, Joel Aguiar, Luís Gonzaga de Oliveira Costa, Oswaldo Pinto, Ernesto de Moraes Leme, Carlos de Almeida, Antônio Bueno, Bento de Andrade, Antônio Adolfo Loebe, Floriano Cruz e Juvenal de Campos.

(...) **O Escalpelo** ... Toda a Escola Normal foi surpreendida, a 15 de outubro de 1914, com o aparecimento de um pequeno órgão crítico nº 1 (mas único), tratando com irreverência a própria Escola e alguns professores. Quem é o responsável por isso ? Mistério ! A redação tinha um endereço suposto: Rua General Osório, 121. Não eram indicados os redatores.

Chegou a hora de romper o silêncio. **Confiteor**... Os responsáveis éramos quatro: eu, Adolfo Packer, Oswaldo Pinto e Juvenal de Campos. Aberta sindicância administrativa, as provas incriminaram apenas Juvenal, que foi suspenso, o que determinaria para ele a perda do ano. Também fui chamado à Diretoria, tratando-me o diretor com toda a delicadeza, mas afirmando que o jornalzinho estava muito bem escrito, o que somente eu e o Oswaldo Pinto seríamos capazes de fazer. Omitia o Adolfo Packer, que era o melhor aluno da turma. Agradei-lhe a referência, mas neguei minha responsabilidade. O que nos doía sobretudo era ver o Juvenal, único punido, carregar a culpa de todos nós. Ele recorreu da decisão para o Secretário do Interior, Dr. Altino Arantes, que compreendeu sem dúvida tratar-se de uma criança e mandou cancelar a pena. Isso não obstante, resolvemos os quatro mosqueteiros não tomar grau solene. E recebemos o diploma na Secretaria, das mãos do secretário, o bom Lourival de Queiroz. Quinze dias antes recebemos um telegrama de Rui Barbosa, convidado em maio para nosso paraninfo e lamentando ser-lhe impossível comparecer à solenidade de nossa formatura.

Leme, Ernesto — Casa de Bragança, 77/80.
São Paulo, Parma, 1981.)

* * *